



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

PERFORMANCE COMPARTILHA COM CRIANÇAS: AÇÕES PARA DESOSBEDECER O ENSINO OBEDIENTE ?

Rita Tatiana Gualberto de Almeida; Naira Ciotti.

Universidade Federal do Rio grande Do Norte, ritataticavassana@gmail.com.

Resumo: A presente pesquisa, realizada com as crianças da cidade de Natal (RN), relata experiências denominadas "Palavras de Caça". A ação artística foi realizada no contexto da educação não formal, porque compreende o ato de educar como um ato criativo. A pesquisa artística inclui a desobediência infantil observada através da ótica descolonial, processos criativos abertos foram desenvolvidos para promover a autonomia e o protagonismo das crianças, criando afirmações para seus corpos e a relação ativa com o seu espaço de forma autônoma. Refletimos neste texto a partir de um pressuposto: as crianças são produtoras de cultura e que o "brincar" pode ser performático. Como professor-performer, atuava como um dos autores de ações pedagógicas que ensinavam princípios fundamentais da alfabetização, propondo o registro corporal e a cognição do contexto espacial, e trabalhando com conceitos derivados de artes performáticas participativas. Palavras-chave:

Introdução

Este artigo é em defesa à desobediência, após experiências, como performer e professora de crianças, compreendi que a desobediência é um ponto de partida para discutir e articular assuntos relacionados entre arte e política na infância. A argumentação partirá de um ponto de vista feminista, com um foco maior nas feministas negras, pois são contribuições e propostas engajadas na busca de liberdade e fortalecimento do sujeito.

O que chamo aqui de feminismo negro, é pautada na revisão de algumas teorias feministas, enfatizando a importância de: " Ao pensar o debate de raça, classe e gênero de modo indissociável, as feministas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura seria reforçada. "(RIBEIRO,2018, p.27). Assim, a construção de pensamento que proponho para conversamos sobre as crianças propõe uma visão crítica do seu contexto social, haja vista a estrutura social brasileira que indica



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

um alto índice de vulnerabilidade mortalidade para determinado grupo de raças e classe.

Quando me refiro aqui às propostas pedagógicas que se associam à ideia de emancipação, e buscam a liberdade por meio da educação, recorro a referência da professora e teórica feminista negra estadunidense Bell Hooks. Em seu livro "*Ensinando a Transgredir: a educação como prática da Liberdade.*" (2013), a autora relata sobre sua experiência escolar, e afirmar que mesmo não vivenciado experiências positivas em relação à escola, Hooks percebeu que "a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres" (Hooks, 2013,pg.13)

Essa também foi a minha percepção sobre a educação enquanto aluna, e por isso me interessei como artista em discutir a arte como um espaço pedagógico desviante. Parto de minha própria vivência como criança branca desobediente, que frequentou a escola pública. Na infância, eu morava na periferia de São Paulo; ao seguir o percurso na vida adulta optou por continuar como um ser desobediente ao sistema do patriarcado como feminista.

Ao fazer o relato de sua experiência como aluna, Bell Hooks identificou que "reforçou-se a principal lição: tínhamos de aprender a obedecer à autoridade." (Hooks, 2013,pg.13). Esta lição é uma das mais frequentes nas escolas brasileiras e está marcada principalmente pela relação de classe social e raça, apesar da vivência de Hooks se passar no sul dos Estados Unidos segregacionista; esta condição da obediência a autoridades opressoras é realidade para muitas crianças brasileiras da periferia, sobretudo negras e indígenas. A minha condição racial pode ser outra mas, eu vivenciei, junto aos colegas, autoritarismo na sala de aula.

Apresentado os argumentos deste artigo, proponho refletirmos sobre o ensino que deseja formar a criança obediente a partir do ponto de vista feminista e relacionar a minha prática artística. O ato criativo e ações artísticas foi a maneira que encontrei como artista para construir espaço de escuta para a desobediência infantil. A escolha partiu da observação das identidades das crianças que contribuíram com esta pesquisa, e perpassa não só a questão do gênero mas, as questões de classe social e raça.

Ao propor experiências estéticas para crianças observo que a desobediência é a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

resposta das crianças às opressões que sofrem, este movimento da desobediência atinge o adulto que conduz o ensino do fazer artístico na aula, na cena. Contudo, esse ato, nos encontros, conforme a escuta do condutor, pode tornar-se uma resposta criativa, quer dizer, um ato de expressão para as crianças, que podem, enfim, experimentar sua potência inventiva sem pressupostos que indiquem conceitos de beleza, já que o ambiente das artes contemporânea acolhe diversas maneiras de expressão.

Assim, este artigo mira na discussão de uma proposta de desconstrução do ensino obediente, ao trazer ênfase sobre a escuta das invenções e do ato criativo das crianças, como uma chave para compreender com a desobediência, para isso, vamos refletir sobre o ensino que deseja formar a criança obediente, a partir do ponto de vista feminista.

O desobediente, a qual me refiro, não está ligado a pequenas discussões de conflito entre as crianças ou em relações aos pais. A desobediência, a qual vou abordar neste estudo, diz respeito às atitudes que transgridem regras artísticas e que transformam o ato de rebeldia em expressão e produção de conhecimento.

Seguindo a perspectivas feministas, os corpos desobediente resistem, são estes corpos de crianças e mulheres que estão em busca de liberdade e que enfrentam opressões do legado patriarcal, por meio do medo, faz desacreditar da potência de nosso corpo e fala, nos tirar do nosso empoderamento. O conceito de empoderamento oriundo das teorias do feminino negro e analisado por Joice Berth, que enfatiza que o conceito estende-se ao coletivo. Portanto:

O empoderamento como teoria está estritamente ligado ao trabalho social de desenvolvemos estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão e visam principalmente a libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual. (BERTH, 2018, p. 34)

As questões que abarcam o corpo estão marcadas, já que a mulher perde o controle sobre seu corpo no sistema cultural patriarcal, nossa trajetória fica marcada pelas inúmeras violências sofridas ao longo de nossas vidas. É por meio do corpo que se estende às teorias feministas interessadas em mover corpos desobedientes, interessadas em uma construção de propostas coletivas

Nas lutas feministas, a questão do corpo coletivo, que não se dobra frente ao autoritarismo, tão pouco se acomoda em sua



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

própria busca por liberdade, está a desobediência é o que relata Julieta Paredes, em seu artigo *"Dissidência e Feminismo Comunitário"*.

Se a experiência das lutas passa pelo corpo de uma individualmente, também é certo que apalpamos um sentir, viver e construir coletivo, um corpo como movimento social, no qual alternamos lugares para não repetir os vícios caudilhistas dos movimentos populares, onde um são os que dirigem e outras as que são dirigidas, umas que pensam e outras que fazem. Não queremos corpos obedientes. (Paredes, 2013)

A partir dos corpos da desobediência feminista que aproximo minha pesquisa artístico pedagógica, na busca de mover o conhecimento das crianças além dos muros de instituições ensino, que as ações pedagógicas possam construir espaço de diálogos com as instituições formais e não formais e criar espaço para um pensamento não obediente.

O processo artístico desobediente.

O que defino como ações artísticas são dispositivos acionados com as crianças e ocorrem em um tempo curto mas, que ao serem acionados, instauram um território para ser invadido pela desobediência, torna a proposta artística um campo de experimentações no qual as crianças podem

ocupar o seu protagonismo como produtoras de cultura.

O brincar é uma ação a qual as crianças tem como prática, para comunicar, em um primeiro momento, e lidar com a subjetividade. Esse ato desdobra-se na brincadeira, se estabelece por meio de organização ou regra, que, ou já está determinada ou que vai sendo construída na interação. O entendimento do brincar para este estudo está embasado nos estudos do psicanalista Donald Winnicott, que discorrer em seu livro "O brincar e a realidade"(1975) sobre a condição da precariedade do brincar, pois estimula na criança o interjogo, estabelece o despertar do instintivo da criança e o encontro do subjetivo com o consciente, deste modo o brincar estimula a criança ao autoconhecimento.

Ao relacionar o brincar e a performance, por meio das teorias do Estudos da Performance, desenvolvido por Richard Schechner (2003), ele afirma que "toda a ação é performance" e que o ato de brincar pode ser identificado como um ato performativo das crianças. Outra observação, que deriva das experiências artísticas, é que o brincar como performance acontece com mais potência quando, as crianças, ao engajarem



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

seus corpos nas ações, estabelecem o lugar da desobediência.

Vou partir de um exemplo do processo criativo para desenvolver este pensamento.

Quando eu, performer, chamo as crianças para brincar de escrever no corpo e comporem, por meio da interação corpo a corpo, uma palavra, há um roteiro, um objetivo e um modo operante: um dispositivo. O enunciado já está estabelecido, porém, em um determinado momento essa brincadeira toma um outro caminho: elas querem fazer o mesmo jogo agora com números. Neste instante aparecem as linhas de fissura de que nos falam Deleuze.

Isso geralmente não está no meus planos de adulta. Nesse momento, o brincar se estabelece como um ato no presente seguido da desobediência e é nesse instante que localizo a ato de brincar como performance.

A ação "Caça Palavras" que relato no artigo, busca discutir o letramento, esta ação é proposta pretendendo dar importância à discussão do poder que as palavras têm para a construção de classes. A performance consiste em desenhar letras no corpo, descobrir partes do corpo, formar sílabas, depois palavras, interagir com os

participantes. A partir do meu nome, eu posso afirmar a identidade, e partir da interação, construir novas palavras, numa identidade coletiva.

Nos encontros com a crianças do Bairro de Mãe Luiza, eu iniciava os encontros com brincadeiras, pois meu objetivo era não só aquecer as relações entre as crianças para entrar em contato com o dispositivo, mas, o mais importante, para que eu pudesse conhecê-las e elas também pudessem me conhecer.

O propósito era criar laços de afetos e propor a descoberta do contexto em que viviam; o que percebi foi a necessidade de me aproximar da subjetividade das crianças, uma vez que, somente em contato com o modo como elas percebem o mundo ao redor é que eu conseguiria performar junto com elas.

No primeiro encontro, propus a *brincadeira do telefone sem fio*: um jogador pensa em uma palavra, sussurra no ouvido do próximo integrante da roda e essa palavra vai passando de ouvido em ouvido, até que o último diz a palavra, que pode ou não ser a palavra que iniciou o jogo. Essa brincadeira, à primeira vista, foi uma opção do meu repertório. Já havia realizado essa brincadeira com crianças, para ativar o reconhecimento das palavras e havia obtido sucesso. Contudo,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

muitas crianças da roda não conheciam o jogo e, a proximidade de falar no ouvido do outro era algo de difícil manutenção para eles. Percebi que meninos não se misturavam com meninas e a proximidade corporal era uma questão.

Em outro encontro, elas propuseram *jogar forca* ou, como elas conheciam: *adedonha*. Nesse jogo, uma das crianças escolhia uma palavra e me contava, então nós desenhávamos no chão a imagem da *forca*. Para iniciar, o propositor dava uma pista do que poderia ser a palavra, como, por exemplo, se é uma fruta, e, assim, os outros jogadores poderiam dizer as letras. A cada letra errada desenhávamos uma parte do corpo.

Esse foi o jogo com palavras em que mais percebi o envolvimento deles pois, de alguma maneira, esse jogo trazia um limite determinante, a relação de que se pode "perder" ou "ganhar". Apesar de não ter colocado isso como objetivo, houve uma tensão. Essa tensão trouxe ao corpo uma outra disponibilidade e agitação. Ao perceber essa mudança nas crianças, eu acionei o dispositivo Caça Palavras. No início, eles engataram no jogo, mas a ação não tomou muito tempo e logo as crianças dispersaram,

porém em meio à ação, uma das crianças me indagou: “isso dá pra fazer com números? Eu gosto de matemática”.

Ao voltar para a sala, após o acionamento do dispositivo, as crianças iniciaram rapidamente um jogo de associação de palavras a partir do que havia sido escrito no espaço e do que compunha aquele espaço. Neste instante, compreendi que elas não haviam desistido do dispositivo e isso é o potencial dos encontros: aqui encontrei a desobediência:

-Vamos encerrar a atividade,

-não, não, vamos continuar a ação à nossa maneira.

Este é o momento que a performance dá indícios de desobediência, eles performam, eu decido quando o jogo termina e as crianças transformam e transportam a sua produção de conhecimento que foi acionada pelo dispositivo.

O jogo de associação de palavras, proposto por elas, surgiu a partir da troca e compartilhamento de saberes entre as crianças. Elas começaram a acionar em outro espaço, e, num intervalo que durou pelo menos 20 minutos, eu entrei no jogo com elas.

Uma criança havia proposto realizar o experimento das letras, porém, com



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

números, realizamos em um outro dia a proposta. Ao invés de formar palavras, usei conceitos de somar e subtrair da matemática. Ao pedir para escolherem um número e escreverem no pé, eles todos queriam escrever a idade, mas, a maioria tem sete anos. Assim, pedi também para escolherem um número com dois algarismos e, depois, em uma mão, colocarem o sinal de somar e, na outra, o de subtrair. Então, ao somar os números ou "tirar", dizíamos em voz alta o valor da operação.

As pistas encontrada no processo me fazem indagar se: estou totalmente aberta para o que as crianças estão dizendo? Isso não é um encontro com uma ideia fechada? Isso é compartilhar uma ação? Me importa se tudo não está saindo do jeito que imaginei como uma aula que tem um propósito de aprendizado formal, com conteúdos a serem seguidos e que chega a um resultado?

Estas perguntas me fazem ficar atenta sobre o espaço que ocupo nos encontros, não são perguntas que terão sempre uma única resposta, são disparadores avaliativos do processo, já que quando falamos de trabalhar com crianças temos que indicar os limites e pontuar o respeito ao outro, como uma premissa para vivermos juntos, e assim possamos instaurar um espaço

de afeto entre as próprias crianças e quem está conduz os encontros, apesar de não haver uma hierarquia de saberes, o cuidado com as relações é uma preocupação que emerge quando compartilho as performance com crianças. Pois é o afeto que irá gerar os espaços de pertencimento e fortalecer a busca pelo empoderamento coletivo.

É nesse momento que o processo faz sentido, quando consigo compreender que as crianças estabelecem outra conexão e apresentam para mim outro conhecimento. Lembro como já apontado na antropologia da criança, "não é que a criança não sabe, ela sabe outra coisa" (COHN, 2005, p.33). Então as crianças realizam outras conexões, de modo que compartilhar performance é brincar de estabelecer sempre um espaço para que outro proponha o acontecimento, neste momento, elas são professores-performer.

Performer desobediente e a educação obediente.

O ensino obediente sofreu influência de estudos sobre uma concepção Moderna de infância, constitui-se a partir de uma visão Eurocêntrica, apresenta a criança como uma folha em papel em branco, a qual não tem direito à palavra.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Na Etimologia, a palavra *infans* é o que não fala, o que não trabalha, o que não tem direitos políticos. Portanto, deve ser controlado e submetido a obediência, até adquirir seu direito de falar, toda relação com o mundo depende do adulto, subjugando a criança a um lugar de passividade.

As crianças expõem as fragilidades do humano e das sociedades, quando uma sociedade vai mal, os números de mortalidade e analfabetismo são expostos. Para o sistema patriarcal é um índice do que vai bem ou não.

A partir dos índices podemos crer que o patriarcado faz suas seleção por meio da raça e gênero, uma vez que o genocídio da juventude negra está detectada nestes números e o número do feminicídio de mulheres negras no país vem aumentando enquanto o número de mulheres brancas caiu.

Venho lembrar que o ECA é de 1990, quando nasci não havia um estatuto que garantia direitos a criança e adolescente, porém o que me assustava era saber que havia uma instituição que encarcerava crianças, na década de oitenta em São Paulo chamava-se Febem e o que era alertado principalmente a juventude periférica era que, se eu não obedecer meu destino poderia ser este lugar, como foi o de alguns colegas de bairro.

Neste sentido, venho aprofundar as questões em torno da experiência em relação à palavra e produção de conhecimento.

O letramento é um caminho para a mudança de condição social, as mulheres foram privadas de frequentar a escola, bem como os negros. No Brasil, ir à escola era, ou ainda é, um privilégio que vai conduzir e legitimar os processo de experiência educacionais. Desta forma, as construções de discurso perpassa as questões de privilégios.

Em "O que é lugar de fala?"(2017) a filósofa e feminista negra, Djamilia Ribeiro, apresenta não só uma importante reflexão acerca da localizarmos nossas falas, mas ao compartilhar seus estudos, ela traz fala de feministas negras como a de Lélia Gonzalez, que faz críticas à construção do discurso hegemônico .

Lélia Gonzalez nos dá uma perspectiva muito interessante sobre esse tema, por que criticava a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. Ou seja, reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. (RIBEIRO, 2017, p. 24)

Retorno à perspectiva das crianças, que aprendem ao se exporem, ao perguntarem sobre objetos e estruturas que elas não sabem o que é. O lugar dos enunciados, da troca de experiência e da palavra toma importância na infância, por isso a dúvida é parte importante para o seu desenvolvimento e reconhecimento como seres pensantes. O ensino obediente ao tirar o direito das crianças de interrogarem o adulto sobre o mundo, e validarem a palavra do adulto, como a verdade. Cria-se uma oposição hierárquica, que faz com que o adulto guie o discurso, privilegie, assim, o pensamento que lhe é mais confiável ou confortável. O pensamento hierárquico relaciona-se ao pensamento hegemônico já estabelecido, que deseja silenciar corpos.

Em contraponto aos parâmetros do ensino obediente, apresento o processo criativo da performance. O performer é provocador de instabilidade, posto que a linguagem surgiu a partir de experimentações que propõe romper com padrões fixados nas artes, a linguagem explora os limites e fronteiras. O performer é um ser questionador e desobediente por natureza, pois está interessado em trazer para as artes novas perspectivas.

Soma-se a esse pensamento do performer a figura oriunda da pedagogia da performance o professor-performer (CIOTTI, 2014) como um agente disparador de propostas, pois o que proponho é um deslocamento de partilha do conhecimento e, para tanto, o processo criativo da performance passa pela experiência entre as paisagens que construímos no viver, no cotidiano.

E a performance, como a vida e toda a experiência, é complexa. À medida que vamos adquirindo instrumentos para ler a performance, passamos a nos dar conta de que esse fenômeno é múltiplo, polissêmico e misturado. Mesmo o pintor mais convencional usa seu corpo. Somos todos performers no sentido geral, mas existem diferenciações. O artista se apropria da performance num sentido de ruptura com padrões tradicionais da arte. E eu, enquanto professor, me aproprio da palavra performance para falar de uma atitude pedagógica diferenciada. (CIOTTI, 2014, p. 62).

Posto isso retomo a necessidade da criação de um espaço pedagógico gerido pelo professor-performer para que, desse modo, a performance possa adentrar o quintal onde as crianças brincam, playground da praça, o pátio da escola e as salas de aulas.

Essa escrita não se encerra não há uma conclusão final acerca das relações entre performance e a criança, ou sobre os



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

obedientes e os desobedientes e sobre arte versus educação. Contudo proponho suscitar um movimentos de ruptura a obediência e pergunto:

Até onde eu jogo o jogo?

Em que momento eu posso tomar a palavra e ter o meu lugar de fala?

AGORA!

Quero dizer que eles nos calaram, por mais de mil anos e eu não serei obediente ao meu carrasco.

Eu não sei minha identidade legítima apesar de me darem alguns números.

Eu não tenho uma identidade que eles consideram legítima pois ela foi gerada por genocídios Eles des/povoaram o meu país e o continente

Eles nos encarceram dentro de casa

Eles violaram nossos corpo, nossa terra, nossa cultura originária

Eles encarceram as crianças em prédios e escolas

Eles encarceram as crianças pois elas são o risco da insurgência.

Referência bibliográfica :

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CIOTTI, Naira. *O Professor-Performer*. Natal: EDUFRN, 2014.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PAREDES, Julieta. *"Dissidência e Feminismo Comunitário"*. *Revista E-misférica. Gesto Decolonial*. New York. 2014. N°01, Vol 11. Disponível: <<http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/e-misferica-111-gesto-decolonial/paredes-carvajal>> Acesso em: 11/11/2018.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Ed. Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da Liberdade*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2013.